_MEMOIRS

Ethiopian Walks, desenho de Cristina Ataíde, 2017 (cortesia da artista)

SENTIMENTO DE OUTROS OCIDENTAIS

MARGARIDA CALAFATE RIBEIRO

Luanda, Lisboa, Paraíso (2019), de Djaimilia Pereira de Almeida, recordou-me de imediato o verso do poema de Cesário Verde, "Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!"[1], numa sugestão de alargamento a outras geografias onde a história desse mesmo Ocidente também decorreu, e onde outros sujeitos etno-culturais constituíram – com as suas terras, os seus corpos e os seus produtos – o negativo do resplandecente teatro das antigas metrópoles coloniais europeias, hoje capitais europeias em que a herança colonial é visível.

Luanda, Lisboa, Paraíso e *Debaixo da nossa Pele – uma Viagem* (2017), de Joaquim Arena, inauguram em Portugal uma linha literária de abrangência europeia – *afropean*, numa versão anglo-saxónica, *afropolitan* numa versão francesa – de identidades herdeiras dos processos coloniais, que procuram as suas continuidades na Europa de hoje, ao mesmo tempo que se inscrevem numa genealogia literária portuguesa de imaginação e de demanda de Portugal e da Europa. À semelhança de Almeida Garrett em *Viagens na Minha Terra*, o movimento da viagem empreendida é "Tejo arriba", ou seja, para dentro de Portugal e do continente. E qual é a viagem de Djaimilia e de Joaquim Arena no início do século XXI? É a de procurarem em Portugal os vestígios dos outros portugueses invisibilizados na história de Portugal e da Europa. Ora, como é o caso do protagonista de *Debaixo da Nossa Pele*, na procura aventurosa na região do rio Sado de rastos de escravos, trazidos no século XVIII para o cultivo do arroz, e esta viagem prossegue pela Europa; ora indo ao encontro de portugueses das antigas colónias apanhados pela história mais recente e hoje identificados como imigrantes angolanos no Portugal contemporâneo, a viver nos bairros periféricos, de que o imaginário e antifrástico *Paraíso* do título do livro de Djaimilia é realidade e metáfora.

LISBOA NÃO EXISTE

Luanda, Lisboa, Paraíso descreve o percurso do angolano Cartola de Sousa que, no tempo colonial, tinha uma vida típica da pequena burguesia negra assimilada. Era um jovem enfermeiro, assistente do médico português Barbosa da Cunha e a sua vida tinha uma certa ordem, estatuto profissional e social, permitindo-lhe o sonho de ascensão social que o estatuto de assimilado perversamente configurava. Em breve este mundo iria desfazer-se: Cartola de Sousa iria assistir à partida dos portugueses expectante, celebraria a independência com uma alegria contida e, ao mesmo tempo, a sua família começaria a desfazer-se: nascia Aquiles, assim batizado devido ao calcanhar defeituoso, e a sua mulher ficava imobilizada na cama. Por razões de saúde do filho, como muitos dos seus compatriotas, viaja para Lisboa, o que ativa uma série de sonhos, que vão da questão prática de resolver o problema de saúde do filho à ilusão de ir encontrar uma Lisboa que o acolheria como um português, um assimilado para quem Lisboa era a metrópole mental. Ao contrário de Aquiles, que é um filho da independência e um emigrante angolano em Lisboa, saudoso da mãe, de Luanda e em luta por uma vida melhor, Cartola de Sousa transporta consigo uma identidade fantasmática, que o relaciona com o sonho de Portugal, como um lugar ao qual ele pertencia[2]. O que existe é a realidade que o expulsou de Angola e que se traduz no subdesenvolvimento do Sul e na continuidade da sua condição subalterna. Em luto, por si e pelo amigo, Cartola de Sousa fixa o rio Tejo que no imaginário português epitomiza todas as histórias do império português que dali se projetaram no "mar sem fim". Mas não há resposta para as ruínas do império, não há restituição possível para o engano e a ilusão. Resta-lhe uma cidadania espetral de um mundo de fantasia que a história transformou em fantasma. Lisboa não existe.

VEREDAS TROPICAIS EUROPEIAS

Debaixo da nossa Pele – Uma viagem, de Joaquim Arena, assume a viagem como meio e processo que desencadeia a narrativa. Tal como Cartola de Sousa, o protagonista inicia a sua viagem deambulando por Lisboa. Mas ele não é um homem que vem do antigo império; é já um herdeiro, um lisboeta, filho de migrantes africanos que viveram na Europa e que integram na sua identidade europeia, uma memória africana mais ou menos real, mais ou menos ficcionada. Esta é a linha protagonizada por muitos artistas europeus como mostram os recentes trabalhos do britânico Johny Pitts, *Afropean*[3], ou do belga flamengo Roland Gunst que estreou a peça *Flandria*[4], entre muitos outros. Misturando motivações biográficas, passado, presente e futuro, realidade e ficção propõem uma rutura de paradigma na narração e na leitura da história europeia a partir de grupos minoritários, portadores de narrativas silenciadas, ocultas ou alternativas, em que África está presente e assim se torna parte do país europeu em questão e da Europa em geral.

Como Cartola de Sousa, é olhando o rio que o narrador se questiona. E é a partir desta reflexão ao longo do rio próximo das aldeias fantasmáticas que ele procura, que vai articulando uma teia de imagens, estórias e mitos de onde emergem escravos locais, serviçais, famílias mestiças e conhecidas personagens negras presentes na Europa desde Portugal à Rússia, mostrando-nos que, na Europa, a escravatura, o colonialismo e a descolonização são presenças sem fronteiras, desde o século XV até hoje. São histórias a partir das quais o narrador desafia muita coisa e, como Djaimilia, coloca as questões a partir de vários ângulos: desde a ambiguidade do discurso da negritude e da branquitude ao racismo e ao anti-racismo, desde a plasticidade da discriminação à armadilha do estereótipo, desde a sedução do luso-tropicalismo à consciência do preconceito. São histórias que nos apontam para um passado comum construído a partir de relações coloniais e de memórias muito diferentes sobre o qual hoje somos convocados a gerar futuro.

O que estes livros nos vêm trazer é o desafio para uma nova cartografia da memória europeia, assente na assunção de que a herança colonial é parte da identidade europeia, mostrando-nos que ser europeu é tudo menos ser só europeu.

(1) Cesário Verde, "O sentimento de um Ocidental", *O Livro de Cesário Verde*, Passagem Editora, 1982, p. 87.
(2) Entrevista a Djaimilia Pereira de Almeida. Maria João Caetano, "De Luanda ao Paraíso com passagem por Lisboa: miséria ao virar da esquina", *Diário de Notícias*, 3 Novembro, 2018.
(3) Johny Pitts, *Afropean – Notes from Black Europe*, Londres: Penguin Books, 2019.
(4) Mais informação sobre John K Cobra: https://www.johnkcobra.com/about-us. Sobre a peça: https://www.lod.be/en/productions/flandria; https://www.johnkcobra.com/copy-of-lion?lightbox=dataItem-j8ly4mqy1. O artista foi entrevistado em Bruxelas a 07 de junho de 2018, no âmbito do projeto *Memoirs – Filhos de Império e Pós-Memórias Europeias*.

NO LABIRINTO DO TEMPO E DAS PALAVRAS

DULCE MARIA CARDOSO

A memória tem um funcionamento dúplice. Por um lado, liga-nos ao passado: diz-nos "fomos aqueles, descendemos daqueles" ou "é dali que viemos", um "ali" que, afinal, pode ser simplesmente o "aqui" trabalhado pelo tempo. Por outro lado, a memória desliga-nos do passado: diz "somos já outros" ou "já ali não estamos". Mesmo que não seja assim. A memória é, na verdade, uma espécie de lente entre nós e o passado. O que ela faz não é ampliar ou comprimir, focar ou desfocar, nem é sequer bem deformar ou recriar; diria que é mais desrealizar. Algum tempo depois de as coisas terem acontecido, mesmo que em certos aspetos continue tudo igual ou quase igual, o passado parece sempre diferente. E que "ser igual" ou "ser diferente" está mais associado à imagem das coisas do que à essência das coisas, já que, na nossa cabeça, a visão – o mais desenvolvido dos nossos cinco sentidos e por isso também o mais tirânico – molda-nos em imagens todas as histórias, toda a História. E, atualmente parece que mudamos cada vez mais depressa. Mas talvez não seja bem assim. Não pode ser bem assim. Continuamos, apesar de tudo, a ser animais e os animais não evoluem assim tão depressa.

E, depois, não é matemática a linguagem que usamos para tratar estas coisas. Podemos, em grande parte, entender-nos – se a isso nos dispusermos –, mas o mal-entendido nunca está excluído da nossa comunicação: não há palavra cujo significado não seja, em determinada medida, impreciso ou polémico. No entanto, há palavras cujos contornos são mais definidos do que outras. Por exemplo, a palavra composta "pós-guerra" nomeia o tempo de paz que sucede a uma guerra. Considero-me a viver um tempo de pós-guerra? Independentemente da guerra a que o "pós-guerra" se refira, seja a Segunda Guerra Mundial, em que eu ainda não era nascida mas que desenhou o mundo em que vivo, ou a guerra civil em Angola, de que a minha família fugiu, e que durou até 2002, não há dúvida de que vivo um tempo de paz – não há pessoas a serem mortas e feridas à minha volta, não há medo, não tenho de fugir, como em 1975 – mas julgo que a minha resposta é "não, não me considero a viver um tempo de pós-guerra". Julgo que esta minha resposta tem a ver com a distância em relação a essas duas guerras. Uma distância geográfica, uma distância temporal. É como se houvesse um período de validade para o tempo do pós-guerra. Para isso contribuirá, talvez, mais do que a normalização do funcionamento da sociedade em tempo de paz, o facto de outras guerras terem acontecido, entretanto. O desenho do mundo do pós- Segunda Guerra Mundial foi já redesenhado pelo pós- Guerra Fria, que nem guerra bem foi, depois da guerra civil angolana, muitas outras guerras civis aconteceram ou acontecem ainda, Iraque, Líbano, Síria…

E agora outra palavra composta: Considero-me a viver um tempo pós-colonialista? Quase todo o discurso que existe é no sentido de me fazer crer que sim. No entanto, a descolonização que me apanhou dista mais do presente do que o final da guerra civil que surgiu no seu seguimento. Não me sinto no pós-guerra dessa guerra, mas tudo tende a fazer-me sentir no pós-colonialismo desse colonialismo. À parte o facto de que talvez se recupere mais rapidamente de uma guerra do que de um colonialismo, isto reforça a convicção de que o período de validade de um tempo pós-qualquer-coisa é tanto maior quanto menor for a possibilidade de se tornar num tempo pré-essa-mesma-coisa. Os estragos dos colonialismos que foram acontecendo ao longo de milénios e a recente e final globalização que vivemos parecem ter libertado definitivamente a humanidade do colonialismo. A incapacidade de avistarmos no futuro os imaginários de exuberância e exotismo que associamos ao colonialismo, contribui para que o pós-colonialismo surja como eterno. No entanto, confesso que não me sinto a viver um tempo pós-colonialista. Não por considerar que este tempo pode conter já, em si, germes de um tempo pré-colonialista, não pelas razões de que já não me sinto a viver no pós-guerra, mas porque, em relação ao colonialismo, não me sinto a viver sequer no pós:

Cresci em Luanda até aos 11 anos. A minha mãe não trabalhava fora de casa, era o que se chamava – não sei se ainda se pode chamar assim – uma dona de casa: tomava conta da casa, de mim e da minha irmã, e também, de certa maneira, do meu pai. O meu pai tomava conta de nós de outra maneira: trabalhava fora para nos dar sustento. Era o que se chamava – não sei se ainda se pode chamar assim – o chefe de família. A minha mãe tomava conta de nós sozinha, mas às quintas-feiras, por umas horas, a Conceição ia ajudá-la nas tarefas mais pesadas. A Conceição era uma negra cerca de dez anos mais nova do que a minha mãe, que vivia com o marido e dois filhos no musseque junto ao bairro onde a minha família morava. Não tinha estudado, não sabia ler nem escrever e para sobreviver estava condenada a trabalhar na casa da minha mãe e nalgumas outras.

Moro sozinha em Lisboa. A minha família nuclear é constituída, portanto, só por mim. Acumulo assim os cargos de chefe de família e de dona de casa, já que, para além de ser escritora, tomo conta de mim e da casa. Faço-o sozinha, mas às quintas-feiras, por umas horas, a Tatiana vem cá a casa ajudar-me nas tarefas mais pesadas. A Tatiana é uma ucraniana muito branca, três anos mais velha do que eu, com dois filhos já crescidos que vivem em Kiev. A Tatiana e o marido partilham um pequeno apartamento com outras três famílias ucranianas, num subúrbio de Lisboa. Veio para Portugal há mais de quinze anos, é licenciada em Literatura e para sobreviver está condenada a trabalhar na minha casa e nalgumas outras.

De regresso então ao contorno das palavras: Evidentemente que se pode definir colonialismo de uma maneira que seja inequívoca que vivemos num eterno tempo pós-colonialista, mas não me parece que isso seja útil. Evidentemente também que é paralisante e demagógico valorizarmos demasiado a maleabilidade da definição das palavras e a inevitabilidade de ser impossível terem uma definição precisa, correspondendo uma tal atitude a estratégias tendentes ao desentendimento. Apesar de tudo entendemo-nos, podemos entender-nos, quero que nos entendamos. Mesmo que não concordemos.

As definições das palavras devem tender para potenciar, e não para boicotar, o bem-estar a que a nossa comunicação sofisticada nos permite aceder. Mesmo que seja difícil associar a pós-colonialismo um contorno tão definido quanto o que se associa a pós-guerra, devemos evitar que o engano surja: no que respeita a grande parte do sofrimento e exploração associada ao colonialismo, não é verdade que sejamos já outros, que já ali não estejamos.